

A CRÍTICA BRASILEIRA EM TORNO DA LÍRICA DE JOÃO DE DEUS OU ACERCA DOS RESÍDUOS MEDIÉVICOS DE *CAMPO DE FLORES*

José William Craveiro Torres¹

Introdução

Para um estudioso em Filosofia, em Artes e/ou em Literatura, o termo *romântico* pode lhe trazer à mente muitas imagens, haja vista o caráter plural do Romantismo. No entanto, para leigos, para pessoas que pouco se debruçaram sobre o Romantismo, com o intuito de estudá-lo, ou mesmo para o estudioso ao qual nos referimos, o vocábulo em questão geralmente traz consigo a imagem de um casal apaixonado e/ou a do sofrimento de um homem ou de uma mulher por amor: costuma ser assim porque essas foram, desde sempre, ou seja, desde quando o movimento surgiu, na Escócia/Inglaterra e na Prússia (Alemanha), as imagens mais representativas do imaginário romântico.

Neste ensaio, como se pôde notar pelo seu título, não trataremos do idílio amoroso, ou das dificuldades encontradas pelos amantes para a realização desse idílio, dentro do movimento romântico português; tampouco trataremos disso dentro da estética romântica em geral: abordaremos, neste trabalho, a relação entre os amantes somente dentro da Poesia lírica de João de Deus, reunida em *Campo de Flores*, pois pretendemos evidenciar, em tal relação, os traços de medievalidade nela presentes. Conforme teremos a oportunidade de mostrar adiante,

¹ Mestre em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará – UFC. Doutorado em Literatura de Língua Portuguesa (Investigação e Ensino) pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – FLUC. Bolsista de Doutorado Pleno no Exterior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Colaborador do Centro de Literatura Portuguesa da FLUC.

os *resíduos* medievicos, na obra lírica de João de Deus, apresentam-se das mais variadas formas.

Diferente do que percebemos com relação à crítica portuguesa, a brasileira parece ter evidenciado, há muito tempo e de forma bastante sistemática, as filiações da Poesia lírica de João de Deus; notadamente a sua matriz medieva. Entre esses estudiosos brasileiros estão: Massaud Moisés, Nalef Sáfady, Cleonice Berardinelli, Linhares Filho e Raquel de Sousa Ribeiro. Dedicaremos o primeiro tópico do nosso ensaio para tratar dessas contribuições brasileiras à fortuna crítica de João de Deus; principalmente para que possamos mostrar o que disseram os pesquisadores acerca do medievalismo presente na obra do poeta.

Em seu ensaio, Linhares Filho disse:

Procuramos com muito esforço a originalidade, difícil no exame de uma obra sem segredos marcantes e já estudada por competentes estudiosos do fato literário em geral e da Literatura Portuguesa em particular. Presumimos que pelo menos o tipo de abordagem aplicada ao autor ofereça ao leitor uma quota de novidade (LINHARES FILHO, 1981, p. 13-14).

De fato, pensamos como o mestre cearense: é mesmo difícil apontar algo novo, ao estudarmos a Poesia de João de Deus; alguma novidade só poderá vir à tona, mesmo, a partir da forma de abordagem. Assim, pretendemos analisar o medievalismo da obra de João de Deus a partir dos conceitos de *imaginário* e *mentalidade*, da *École des Annales*; *resíduo*, de Raymond Williams; *residualidade*, *hibridação cultural* e *crystalização*, de Roberto Pontes. Assim, dedicaremos o segundo capítulo deste trabalho à elucidação de tais conceitos, para que a aplicação de cada um deles, no capítulo seguinte, o da análise de poemas, possa ser melhor compreendida.

O terceiro e último capítulo, como dissemos há pouco, será dedicado à análise de alguns poemas de João de Deus: “Amor”, “Saudade”, “Deliciosa

cruz”, “Adoração”, “Fogos?”, “Amores, amores” e “Desalento”. Mostraremos como traços medievais encontram-se espargidos por esses textos.

Ao cabo, acreditamos que teremos conseguido transmitir aos leitores, os diversos posicionamentos da crítica brasileira em torno da obra poética de João de Deus (notadamente em torno de sua Poesia lírica), além de mostrar os *resíduos* mediévidicos presentes em *Campo de Flores*.

A crítica brasileira em torno da lírica de João de Deus

Como dissemos na Introdução, muitos foram os estudiosos brasileiros que se debruçaram sobre a Poesia lírica de João de Deus, a fim de analisá-la melhor. Os primeiros, em termos temporais, parecem ter sido Massaud Moisés e Naief Sáfady. Em seguida, vieram os trabalhos de Cleonice Berardinelli, Linhares Filho e Raquel de Sousa Ribeiro.

Neste tópico trataremos de praticamente todos esses ensaios, pois não entramos em contato com o do Prof. Naief Sáfady. Comprometemo-nos de incluí-lo, quando possível, numa nova redação deste texto, visto que é de leitura obrigatória para todos aqueles que pretendem se aprofundar no estudo e na compreensão da Poesia de João de Deus. Ficamos, assim, com os trabalhos de Massaud Moisés, Cleonice Berardinelli, Linhares Filho e Raquel de Sousa Ribeiro, que mostrarão bem aquilo que pretendemos; ou seja, o que pensa a crítica brasileira sobre a obra de João de Deus e o que diz essa mesma crítica, acerca do medievalismo presente na lírica do poeta.

a. As palavras de Massaud Moisés

Massaud Moisés, em *A Literatura Portuguesa*, tratou das principais características da obra de João de Deus: tipos de Poesia que desenvolveu, a principal temática com que trabalhou, que influências recebeu, quais novidades trouxe para o Romantismo, como foi o relacionamento com os seus pares etc.

Sua poesia biparte-se em lírico-amorosa e satírica, conforme os dois volumes de *Campo de Flores* [...]. O Amor é o motivo permanente na poesia de João de Deus [...], João de Deus dá um tiro de misericórdia no Ultra-Romantismo [...] e retoma a tradição lírica esquecida, mal-compreendida ou desprezada durante a hegemonia romântica: o lirismo trovadoresco, ou o que dele ficara vivo no curso do tempo, e a poesia lírico-amorosa de Camões (MOISÉS, 2007, p. 152-153, *passim*).

Poesia da sedução, da corte ou da comunicação duma experiência amorosa já realizada ou por realizar [...]. Nesses poemas, corre um sentimento lírico-amoroso que pressupõe sempre um forte idealismo a conduzir a mente de João de Deus. Tal idealismo, onde ressoa a voz do Camões lírico e o platonismo renascentista, dirige-se no sentido da mulher e do Amor [...]. Visão espiritualista da bem-amada, não poucas vezes transformada numa verdadeira atitude mística [...]. A expectativa mística lembra o lirismo medieval [...]: o espiritualismo completa-se com a presença de notas eróticas subterrâneas (MOISÉS, 2007, p. 153, *passim*).

Em *A Literatura Portuguesa através dos Textos*, Massaud Moisés analisou três poemas de *Campo de Flores*: “?”, “Encanto” e “Ventura”. Em tal análise, o crítico apontou, mais uma vez, as matrizes da Poesia de João de Deus: a trovadoresca (ou medieval), a camoniana (ou renascentista) e a garrettiana (ou romântica).

Nota-se, pelas composições, o quanto João de Deus difere dos poetas imediatamente anteriores, posto que semelhe ter alguma dívida para com Garrett. Seu lirismo amoroso caracteriza-se pela simplicidade, pela

espontaneidade e pela musicalidade, que, antes de virem por contágio de predecessores oitocentistas, lembram logo Camões e a poesia trovadoresca. Com efeito, vê-se que o poeta parece em *serviço amoroso*, como se fosse um trovador medieval: a Mulher (não a mulher) passava “como rainha”, e ele tinha a sensação de sustentar-se “no ar em êxtase, absorto...”. Entende-se claramente, por via desse medievalismo, que o poeta assumisse perante a mulher-amada uma atitude mística, manifesta no poema “Encanto”. Daí para a saudade mortificante, que confessa em “Ventura”, é um passo. O gosto de sofrer (“Que eu seja o único a sofrer, pensar!”) completaria o quadro não fosse ainda a presença duma nota sensualista embutida nesse espiritualismo platonizante: atente-se para o final de “Ventura”. Mas mesmo o contraponto entre idealismo e erotismo corresponde à equação existente na lírica camoniana e nas cantigas de amor (MOISÉS, 1969, p. 293).

b. As palavras de Cleonice Berardinelli

No prefácio que escreveu à antologia de João de Deus, publicada pela editora AGIR, Cleonice Berardinelli tratou, sobretudo, das características românticas da obra do poeta, enfatizando o “sentimentalismo menos exacerbado”, o “subjetivismo menos confidencial”, a “sensualidade graciosa” e os “variadíssimos metros” de seus versos. Em seu breve “Estudo Crítico”, Berardinelli também teceu algumas considerações acerca das origens do lirismo presente na Poesia de João de Deus. Para ela, as fontes de tal lirismo seriam as cantigas trovadorescas (de Amor e de Amigo) e os poemas de Camões:

Tem sido frequentemente notada a influência e a perduração do lirismo medieval e camoniano em João de

Deus: ele apreendeu-lhe a forma e o espírito, adaptando-os a sua época. Num poema, dos mais originais, que gostaríamos de subintitular *cantiga de amigo* (*Amores, amores*), é a mulher quem fala, conseguindo o Poeta, como os velhos trovadores, dar-lhe autenticidade feminina; e, numa criação que nos lembra fatalmente a de Camões em “Coifa de beirame / Namorou Joane”, dá-nos João de Deus uma menina buliçosa, cheia de malícia e livre de preconceitos, confessando francamente sua volubilidade, sua naturalidade em receber e dar (BERARDINELLI *in* DEUS, 1967, p. 10).

A essas duas influências levantadas por Cleonice Berardinelli poderíamos acrescentar outra, à qual a pesquisadora não fez referência diretamente, mas que ficou nas entrelinhas, quando ela fez alusão aos “poemas dialogados ou supostamente dialogados” de João de Deus: estamos falando de Garrett, que utilizou bastante esse recurso em alguns de seus poemas de *Folhas Caídas*, por exemplo.

c. As palavras de Linhares Filho

Linhares Filho tratou, em seu texto, das influências líricas que sofreu o poeta João de Deus (tradicional, medieval, camoniana):

No entanto essa poesia, por certo timbre emocional, embora não revelando uma nítida e convincente experiência da vida, e ainda pela facilidade e simplicidade, atingiu o grande público, e, pela força da perenidade de sua temática, pela linha de lirismo tradicional, medievalista e camoniano e também pelo cuidado da expressão combinado com a fluidez, capacitou-se a ser compreendida e em grande parte aplaudida pela crítica (LINHA-RES FILHO, 1981, p. 15).

João de Deus veio salvar mais os valores românticos, com uma poesia de certa contenção sentimental [...]. E [...] exprimiu, em grande parte, pela espontaneidade do sentimento amoroso e sofrido, o tradicional, imutável e essencial modo de ser do povo lusitano, aquela herança advinda do Medievalismo (LINHARES FILHO, 1981, p. 27, *passim*).

Com relação aos temas trabalhados por João de Deus, em sua obra lírica, Linhares Filho citou: a Amada, a Natureza e Deus. A Amada seria o maior e o mais constante dos três; a Natureza, importante, porque seria o cenário do Amor; e Deus, ponto de convergência entre aquele tema e este, mas secundário, para o poeta.

A figura da Mulher Amada é o grande, o constante tema da poesia de João de Deus. Enaltece-a extraordinariamente, diviniza-a. Chama-lhe de “anjo tutelar” e utiliza com abundância elementos encantatórios da Natureza em metáforas ou comparações claras para exaltar as qualidades femininas (LINHARES FILHO, 1981, p. 15).

Na lírica de João de Deus a Natureza exerce um papel da mais alta importância: é o cenário do amor; presta-se, com os seus elementos encantatórios, a exaltar a Amada [...] e é tomada, ainda, como exemplo de virtude, notadamente de doação amorosa (LINHARES FILHO, 1981, p. 24, *passim*).

É Deus, porém, o ponto de convergência, na obra em análise, da temática da Mulher Amada e da Natureza, embora não seja a mais frequente preocupação do autor.

[...] Na Natureza via Deus num como panteísmo, mas via Deus sobretudo na Mulher, para o poeta a obra mais perfeita da criação LINHARES FILHO, 1981, p. 24, *passim*).

Vale salientar que esse enaltecimento, que essa divinização da Mulher, comparando-a com um anjo ou com “elementos encantatórios da Natureza”, como a lua, por exemplo, estava já presente em Garrett, basta que nos lembremos de como o eu lírico garrettiano dirigia-se ao “tu” de seus poemas, em *Folhas Caídas*: “Deus”, “anjo (caído)”, “estrela” etc. Massaud Moisés certamente se lembrou disso, quando analisou os três poemas de *Campo de Flores* aos quais nos referimos, no subtópico anterior.

Da mesma forma como Moisés, Linhares Filho também prestou atenção às “notas eróticas subterrâneas” presentes na Poesia de João de Deus. Tais notas, na visão do autor de *A Literatura Portuguesa*, encontram suas origens nas Cantigas de Amor. Vejamos o que disse Linhares Filho:

Mas, algumas vezes, a poesia que é habitualmente de um sensualismo, digamos, casto, pela reserva, pela latência, alimentado por anseios solitários, dúvidas de amor, adorações à distância, louvores cavalheirescos ao porte físico e às qualidades morais da Amada, rompe os freios da contenção pudica (LINHARES FILHO, 1981, p. 17).

d. As palavras de Raquel de Sousa Ribeiro

Ao tratar mais especificamente da produção lírica de João de Deus, Raquel de Sousa Ribeiro enfatizou a distância insuperável que parecia existir entre os amantes, o platonismo presente em *Campo de*

Flores, que a estudiosa considerou como sendo ora de origem medieval, ora de origem renascentista.

A obra poética de João de Deus compreende a lírica, a sátira, o epigrama e traduções. É na lírica, contudo, que se encontra o melhor que produziu. Sobressai, nela, o desejo de participação ou de comunicação com o outro, com um “tu” ou com uma totalidade enfim, que ora parecem acessíveis, ora situados numa distância insuperável. [...] Tal resgate revela-se possível através do amor e da mulher amada, como na teoria platônica (RIBEIRO, 1994, p. 85-86, *passim*).

No tocante ao platonismo, tanto pode remeter ao renascentista como ao medieval, à “vassalagem amorosa” da cantiga de amor, como se pode observar em “Adoração” e “Olhar”. Destaca-se, nestes poemas, a idéia de que o amante, em termos platônicos, se satisfaz com amar, olhar de longe a bem amada (RIBEIRO, 1994, p. 86-87).

Todavia, em alguns poemas de *Campos de Flores*, Raquel de Sousa Ribeiro, em conformidade com o que escreveram Massaud Moisés e Linhares Filho, notou a existência de um erotismo subjacente, bem como a de um desejo de aproveitar o momento presente, o *carpe diem*, por parte do eu lírico, o que viria a contrastar com o teor casto e com o platonismo da maioria das composições da obra.

Tal identificação não ocorre só através do amor platônico, mas também através do erótico. O culto romântico do “eu”, da emoção, do indivíduo, do coração enfim, abriu caminho à admissão e à manifestação do amor físico (RIBEIRO, 1994, p. 87).

O obscurecimento da relação com o transcendente e a consequente opção pelo terreno mostra-se ainda sob um ângulo mais ameno: a dor decorrente da consciência da solidão e da impotência coexiste com o *carpe diem*, com o incitamento para aproveitar o momento presente, como na espécie de cantiga de amigo em que se constitui “Amores, amores”, e com a “poesia de sedução, de corte” (RIBEIRO, 1994, p. 90).

Considerações em torno dos termos *imaginário*, *mentalidade*, *resíduo*, *residualidade*, *hibridação*, *cristalização* e *intertextualidade*

Podemos entender por *imaginário* o conjunto de imagens que um determinado grupo de certa época faz de si e de tudo o que está à sua volta; ou seja, *imaginário* vem a ser o modo como um grupo social enxerga o mundo e a si mesmo. Cada época tem, portanto, o seu próprio *imaginário*. Também é possível falar em *imaginários* dentro de um *imaginário*; ou seja, temos um *imaginário* medieval, que comporta todas as imagens relacionadas à Idade Média, mas temos, dentro deste *imaginário*, outros tantos: o *imaginário* em torno do cavaleiro medieval (uma espécie de *imaginário* cavaleiresco), o *imaginário* em torno da Mulher medieval etc.

Já *mentalidade*, grosso modo, seria o modo de agir, de pensar e de sentir que teria se originado ainda na Pré-História e se mantido, ao longo da cadeia evolutiva do Homem, praticamente o mesmo, até os dias de hoje: algo atemporal, portanto. O *imaginário* seria a forma como a *mentalidade* apresentar-se-ia em cada momento histórico.

Quanto ao conceito de *resíduo*, retiramo-lo do livro *Marxismo e Literatura*, de Raymond Williams. O *residual* seria tudo aquilo formado no passado, mas passível de ser constantemente retomado, de forma inconsciente, por indivíduos de um grupo ou camada social, de modo a ser tido como algo próprio mesmo das épocas posteriores ao seu surgimento.

Foi com base nesses e em outros conceitos, como o de *hibridação cultural* e o de *crystalização*, que Roberto Pontes pensou a Teoria da *Residualidade*: “Na Cultura e na Literatura nada é original; tudo é *residual*”. Com ela, quis ele primeiramente enfatizar (sobretudo na Literatura) que certos aspectos comportamentais e culturais “vivos” e tidos como pertencentes a um dado momento histórico são, na verdade, traços característicos duma era passada, retomados, por uma pessoa ou por um determinado grupo, de forma consciente ou inconsciente.

O conceito de *crystalização* remonta aos estudos dos cristais. Na Química, este termo relaciona-se ao refino de um elemento natural, como acontece ao melaço de cana ao se transformar em açúcar, ou então à simples transformação de um elemento em outro. Assim, a *crystalização*, conforme pensado por Pontes, deve ser vista como um processo constante de transformação, de refino, a partir do qual um elemento cultural, um objeto de arte, transforma-se (ou é levado a se transformar) em outro, mas sem perder as suas características essenciais. Roberto Pontes também preferiu o termo *hibridação*, em vez de *hibridismo*, pelo fato de o sufixo do primeiro vocábulo transmitir melhor a ideia de ação, de dinamismo, de algo em constante mudança, em andamento, em processo, como de fato acontece com elementos das mais diversas culturas a todo o momento.

Este tópico não poderia ser finalizado sem que falássemos, antes, da relação entre *intertextualidade* e *residualidade*. São fenômenos distintos, mas interdependentes. O primeiro, conforme palavras de Vítor Manuel de Aguiar e Silva, só ocorre quando um texto, em seu conteúdo, alude a outro texto ou ao conteúdo de outro texto, no todo ou em parte, por meio de um sintagma, de uma frase, de uma oração ou de um período, de modo a corroborar ou a contestar algo. Para que o fenômeno *intertextual* se estabeleça entre dois ou mais textos, Aguiar e Silva chama a atenção para o fato de que o aspecto estrutural se faz tão ou mais importante que o contedístico, ou seja, dois textos que giram em torno do mesmo assunto não permitem que se fale em *intertextualidade*, pois

esta só se estabelece por meio do *intertexto*, que é uma estrutura comum (sintagmática, sintática, semântica) aos textos, permitindo o diálogo entre estes.

O segundo é algo infinitamente mais amplo, pois não se circunscreve aos limites dos textos ou das palavras. A *residualidade* procura estudar, como se viu, modos de agir, de pensar e de sentir de um período histórico em outro; noutras palavras, como os *imaginários* de determinados agrupamentos de certa época foram parar, tempos depois, noutra(s) civilização(ões). Para tanto, a *residualidade* pode lançar mão de qualquer objeto como fonte histórica ou documental, com vista a chegar à verdade dos fatos; como aliás fizeram, outrora, os participantes da *École des Annales*. Dentro dessa perspectiva da *residualidade*, trabalharemos, aqui, apenas com textos literários (alguns poemas de João de Deus), tendo em vista que eles podem perfeitamente ser utilizados como registros de *imaginários*.

Os *resíduos* mediévidicos de *Campo de Flores*

Como dissemos na Introdução, analisaremos, neste tópico do ensaio, alguns poemas de *Campo de Flores*, com vista a evidenciar, nesses textos, os *resíduos* mediévidicos neles presentes. Reportar-nos-emos, sempre que necessário, aos conceitos de *imaginário*, *mentalidade*, *resíduo*, *residualidade*, *hibridação cultural* e *crystalização*, apresentados no tópico anterior, para nomearmos determinados fenômenos literários ou culturais. Os poemas analisados serão os seguintes: “Amor”, “Saudade”, “Deliciosa cruz”, “Adoração”, “Foges?”, “Amores, amores”, “Desalento”, “Noite de amores”, “Carta anonyma” e “Resposta”. Propomo-nos a analisá-los em bloco e citando aqui somente os trechos ou os versos necessários ao entendimento do que será exposto: desse modo não gastaremos tantas páginas com a reprodução integral dos poemas.

Vejamos, agora, respectivamente, trechos dos poemas “Amor”, “Saudade”, “Deliciosa cruz”, “Adoração” e “Foges?”, de João de Deus:

Não vês como eu sigo

Teus passos, não vês?

O cão do mendigo

Não é mais amigo

Do dono talvez!

[...]

Eu amo-te, e sigo

Teus passos, bem vês!

O cão do mendigo

Não é mais amigo

Do dono talvez!

(DEUS, s/d, p. 01-03, *passim*)

Eu se em ti caio,

E me acolheste,

Torno-me um raio

De luz celeste!

[...]

Quando se ausenta

A boa amiga,

Ah! que o sustenta

E que o abriga!

[...]

Esse é que sabe

O meu tormento

Mal se me acabe

Aquelle alento!

[...]

Tu és o norte

Que me desvias

De ir dar á morte

Todos os dias;

[...]

É quem eu amo,

É quem adoro,

E por quem chamo,

E por quem choro!

(DEUS, s/d, p. 36-39, *passim*)

Luz de íntima influência,
Oh fugitiva luz,
Luz cuja eterna ausência
É minha eterna cruz!

[...]

Converte-me este inferno
Em azulado céu,
Ou quebra o laço eterno
Que a tua luz me deu!

[...]

Em cinza, em terra, em nada
Meu ser converte, ó luz!
Mas sempre, sempre amada,
Deliciosa cruz!

(DEUS, s/d, p. 68-69, *passim*)

Atrae, e não me atrevo
A contemplá-lo bem;
Porque espalha o teu rosto uma luz santa,
Uma luz que me prende e que me encanta
N'aquelle santo enlevo
De um filho em sua mãe!

Tremo, apenas presinto
A tua aparição;
E se me aproximasse mais, bastava
Pôr os olhos nos teus, ajoelhava!
Não é amor que eu sinto,
É uma adoração!

(DEUS, s/d, p. 83-84, *passim*)

Mulher, foges-me? Espera!
Eu nunca te fiz mal!
Tu és a primavera
D'este profundo valle!
A ti que te afugenta?
A dor que me atormenta?
Mas essa dor augmenta
Uma afeição leal!

(DEUS, s/d, p. 89)

Nesses excertos podemos ver, claramente, que o eu lírico dos poemas de João de Deus comporta-se de forma muito semelhante ao do trovador. A confissão dolorosa empreendida pelo trovador a uma dama inacessível aos seus apelos, às suas súplicas, poderá perfeitamente ser vista a partir destes versos de João de Deus: “Eu amo-te e sigo/ Teus passos, bem vês!” (“Amor”); “É quem eu amo,/ É quem adoro,” (“Saudade”); “Mas sempre, sempre amada” (“Deliciosa cruz”); e “Não é amor que eu sinto/ É uma adoração” (“Adoração”). Já estes versos testemunham bem o fato de a dama mostrar-se inacessível: “Não vês como eu sigo/ Teus passos, não vês?” (“Amor”); “Oh fugitiva luz,/ Luz cuja eterna ausência/ É minha eterna cruz!” (“Deliciosa cruz”); “Mulher, foges-me? Espera!” (“Foges?”).

O plano da espiritualidade, da contemplação platônica, pode ser percebido, nos poemas de João de Deus, não só por meio da distância que há entre o eu poético e o objeto de seu amor, de sua adoração, sempre indiferente aos seus apelos, mas a partir mesmo da forma como o “eu” enxerga o “tu”, ou seja, a quem ele dirige as suas súplicas: como uma luz; algo, portanto, que não pode ser tocado, apenas visto, admirado (“Luz de íntima influência/ Oh fugitiva luz” – “Deliciosa cruz” –; “Uma luz que me prende e que me encanta” – “Adoração”). Toda essa contemplação platônica, no entanto, representa uma sublimação, uma purificação, uma transubstanciação do impulso erótico, ligado, este, portanto, à carne, ao corpo. No poema “Adoração”, podemos perceber claramente esse aspecto erótico transubstanciado, pois o eu lírico apesar de manter-se distante, de “apenas” adorar a sua amada, não deixa de prestar atenção a cada uma das partes do seu corpo, como mostram estes versos: “Vi o teu rosto lindo,/ Esse rosto sem par”; “Vi esse olhar tocante,/ De um fluido sem igual”; “Vi esse corpo de ave”.

Quanto ao torturante sofrimento interior que se segue à certeza da inútil súplica e da espera dum bem que nunca chega, ou seja, à *coita* de amor, devemos dizer que o eu poético de *Campo de Flores* também o sente; senão vejamos estes versos: “Esse é quem sabe/ O meu tormento

[...] E por quem choro” (“Saudade”); “Luz cuja eterna ausencia/ É minha eterna cruz!” (“Deliciosa cruz”); “A ti que te afugenta?/ A dor que me atormenta?” (“Foges?”). O próprio título do poema “Deliciosa cruz”, aliás, sugere já essa *coita amorosa*, ou seja, esse amor sofredor.

Para finalizar a análise desses poemas, resta-nos falar, ainda, da fidelidade do eu lírico com relação à mulher amada. Nos poemas de João de Deus ocorre algo semelhante à *vassalagem amorosa* trovadoresca, a partir da qual o trovador dedicava-se, única e exclusivamente, a uma dama, justamente àquela para quem ele iria dirigir seus elogios e suas súplicas; trata-se de uma espécie de lealdade amorosa: “O cão do mendigo/ Não é mais amigo/ Do dono talvez!” (“Amor”); “Ou quebra o laço eterno/ Que a tua luz me deu” (“Deliciosa cruz”); “Mas essa dor aumenta/ Uma afeição leal” (“Foges?”). Por tudo o que dissemos até agora, podemos perceber, claramente, que o *imaginário* em torno do eu poético de *Campo de Flores*, ou seja, os modos como ele age, pensa e sente, como ele se mostra aos leitores, assemelha-se imenso ao *imaginário* que o Medieval nos deu do trovador. Nesse sentido, podemos falar mesmo de *resíduos* mediévidicos na obra de João de Deus. Só não podemos afirmar, com exatidão, se tais *resíduos* se deram de forma consciente ou inconsciente; ou seja, se o poeta foi buscar mesmo inspiração no Trovadorismo ou se, simplesmente, os poemas saíram-lhe dessa forma, sem que ele tivesse dado por isso. Também não podemos esquecer de que há muito do Trovadorismo dentro do Romantismo: isso é um fato.

Conheçamos trechos dos poemas “Amores, amores” e “Desalento”, de João de Deus:

Não sou eu tão tola,
Que caia em casar;
Mulher não é rola,
Que tenha um só par:
Eu tenho um moreno,
Tenho um de outra cor,
Tenho um mais pequeno,
Tenho outro maior.

Que mal faz um beijo
Se apenas o dou,
Desfaz-se-me o pejo,
E o gosto ficou?
Um d'eles por graça
Deu-me um, e depois,
Gostei da chalaça,
Paguei-lhe com dois.
(DEUS, s/d, p. 30)

Trago uma scisma commigo:
Não torna o meu terno amigo!
Triste de mim, que farei!
Cabelo, já não te ligo...
Nunca mais te ligarei!

Lá se finou em Castela...
Vêde que desgraça aquela!
Ou lá m'ò detém el rei!
Toucas da Serra da Estrela,
Já nunca mais vos porei!

Se um ar alegre assemelho,
Ai amigas, sem conselho,
Nem juízo, que farei!
Já me não assomo ao espelho...
Nem jámais me assomarei!
(DEUS, s/d, p. 62)

Nessas passagens, podemos perceber, claramente, que a voz do eu poético é feminina, exatamente como nas Cantigas de Amigo. O poeta – João de Deus, no caso – projetou-se no íntimo da alma feminina, procurando sondar-lhe, mostrar-lhe os desejos mais íntimos, e o fez por meio da criação de um eu lírico feminino. “Amores, amores” exemplifica muito bem o aspecto real (e não “ideal”) da relação amorosa tal como esta se apresenta nas Cantigas de Amigo: ela de fato acontece (“Um d'eles por graça/ Deu-me um [beijo], e depois,/ Gostei da

chalaça,/ Paguei-lhe com dois”); ou seja, o idílio amoroso consuma-se, os amantes encontram-se, mas logo se separam. “Desalento”, por sua vez, foi um poema realizado a partir de uma Cantiga de Amigo, conforme nota a que temos acesso logo após o texto: “Retoque da lírica 505 do *Cancioneiro da Vaticana*”. Sendo assim, possui não só as características da Cantiga de Amigo às quais nos referimos há pouco, mas também outra, bastante importante: a presença de confidentes (“Ai amigas”), justamente aquelas que vão ouvir o lamento de saudade do eu poético feminino. Após a análise desses dois poemas, acreditamos ter reforçado a presença do *imaginário* medieval, trovadoresco, presente em *Campo de Flores*; de modo que podemos falar, mesmo, em *resíduos* mediévidicos na obra lírica de João de Deus.

Conclusão

Ao cabo de tudo o que foi dito, ao longo deste ensaio, podemos concluir que a crítica brasileira debruçou-se sobre a obra de João de Deus e analisou-a de forma bastante objetiva, científica, desde o início da década de 60, a partir dos trabalhos de Massaud Moisés e Naief Sá-fady. Os primeiros trabalhos logo detectaram as matrizes da Poesia de João de Deus: medieval (via cantigas trovadorescas), renascentista (através de Petrarca e de Camões) e romântica (principalmente por meio de Garrett). Exatamente por isso podemos falar em *hibridação cultural*, quando nos referimos à lírica de João de Deus.

Também esperamos ter conseguido mostrar, neste trabalho, a partir da análise que fizemos de alguns poemas de *Campo de Flores*, o caráter medieval da lírica de João de Deus: alguns de seus poemas apresentam-se mesmo *residuais*, visto que transportam para o século XIX, para a figura do eu poético, aquele *imaginário* cortês, caval(h)eiresco (trovadoresco), da Idade Média. O medievalismo na obra de João de Deus, portanto, vai além do trabalho com a musicalidade, como vimos: tal obra representa, em boa medida, uma *cristalização*, ou seja, uma

transformação das cantigas trovadorescas. Exatamente por isso podemos falar em Neotrovadorismo, ao nos referirmos à Poesia lírica de João de Deus.

Referências bibliográficas

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. *Teoria da Literatura*. Vol. I. 8. ed. Coimbra: Almedina, 2006.

BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. Trad. de Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006. p. 114. (Coleção Aldus).

DEUS, João de. *Campo de Flores: Poesias Lyricas Completas Coordenadas sob as Vistas do Auctor por Theophilo Braga*. 8. ed. Lisboa: Bertrand, s/d. (Dois volumes).

_____. *Poesia*. Apresentação de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: AGIR, 1967. (Col. Nossos Clássicos, vol. 90).

DUBY, Georges. *A História Continua*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor / Editora UFRJ, 1993.

LE GOFF *apud* FRANCO JÚNIOR, Hilário. “O Fogo de Prometeu e o Escudo de Perseu. Reflexões sobre Mentalidade e Imaginário”. *Signum* Revista da ABREM – Associação Brasileira de Estudos Medievais, n. 5, 2003. (Homenagem a Jacques Le Goff).

LINHARES FILHO, José. Amor e Misticismo em João de Deus. *Revista da Academia Cearense de Letras*. Ano LXXXVI, nº 42, 1981.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

_____. *A Literatura Portuguesa através dos Textos*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1969.

PONTES, Roberto. *Entrevista sobre a Teoria da Residualidade, com Roberto Pontes, concedida a Rubenita Moreira, em 05/06/06*. Fortaleza: (mimeografado), 2006.

RIBEIRO, Raquel de Sousa. “João de Deus”. In: MOISÉS, Massaud (dir.). *A Literatura Portuguesa em Perspectiva: Romantismo, Realismo*. São

Paulo: Atlas, 1994. (Coleção A Literatura Portuguesa em Perspectiva; vol. 3).

SÁFADY, Nalef. *O Sentido Humano do Lirismo de João de Deus*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1961.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Trad. de Walmemir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.